

FUNAI

PAPELETA DE ENCAMINHAMENTO

DE Superintendente Substituto/4º SUER	NÚMERO 945/89
PARA Sr. Administrador de Marabá	DATA 19.09.89

97
85
S8
agosto de 1989

EM RELAÇÃO AO ANEXO SOLICITO:

<input type="checkbox"/> APROVAR	<input type="checkbox"/> DAR PARECER	<input type="checkbox"/> FORNECER CÓPIAS
<input type="checkbox"/> ARQUIVAR	<input type="checkbox"/> DACTILOGRAFAR	<input type="checkbox"/> INFORMAR
<input type="checkbox"/> ASSINAR	<input type="checkbox"/> DISTRIBUIR	<input type="checkbox"/> MINUTAR PROPOSTA
<input type="checkbox"/> ATENDER	<input type="checkbox"/> EXPEDIR	<input checked="" type="checkbox"/> PROVIDENCIAR
<input type="checkbox"/> AUTORIZAR	<input type="checkbox"/> ESTUDAR	<input type="checkbox"/> REITERAR
<input type="checkbox"/> CONFERIR	<input type="checkbox"/> FALAR-ME	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> CONHECER	<input type="checkbox"/> FORMAR PROCESSO	<input type="checkbox"/>

OBSERVAÇÕES:

Encaminhamos C.I. 160/CORPI/89 solicitando cumprimento despacho do Sr. Superintendente.

Raimundo Gense de Nascimento
Superintendente Substituto
Perícia PP 302/29 de 27-03-89

inclusa na PE
s a V.Sa. se dig
sejam explicita
sofrem os índios
deram margem à
s orientações da
io solicitado tem
ados ao Senhor
ernativas de solu
no relacionamento
ião.

ASSINATURA:

DPI/***

18.09.89
ADPI H/por...
junto a ADN e Mox...
de c

Eduardo Gabriel
EDUARDO GABRIEL
Coordenador/CORPI

CORPI/HPS/EGM.

RELATÓRIO EM ATENÇÃO À CI Nº160/GORPI /
1989.

A Comunidade Indígena Xicrin do Kateté, conta hoje com 385 (Trezentos e oitenta e cinco) integrantes, é situada à margem esquerda do Rio Kateté junto a afluência do rio Sêco, tem acesso a Marabá por aeronave e fluvial descendo o rio Kateté e parte do rio Itacaiúnas até Serra Norte, acampamento do Caldeirão, e daí por rodovia até Marabá, o rio é de difícil navegabilidade, só permitindo o tráfego de voadeira e barcos de pequeno porte, devido a suas cachoeiras.

Em 1983, com o advento do convênio CVRD/FUNAI, a comunidade passou a receber atendimento privilegiado no tocante a saúde e educação, desde então sempre contou com uma enfermeira de nível superior para o atendimento na aldeia, causando com isso a melhoria do estado geral de saúde do grupo e o decréscimo da mortalidade infantil. A melhoria do atendimento prestado através da enfermeira na aldeia e da Equipe Volante de Saúde de Marabá foi de tal forma eficiente que índios de outras aldeias como Kikretum, Bacajá, Goroti re, Aukre, passaram a se tratar no Kateté, para que, caso não melhorassem fossem encaminhados e tratados em Marabá.

Durante todos esses anos, contamos com o apoio da CVRD, com recursos para deslocamento da EYS, retiradas de emergência via aérea, inclusive com helicópteros da CVRD, hospital da Serra dos Carajás para tratamento, recursos para manutenção do PIK, motores, barcos, voadeiras, etc.

Em Janeiro de 1989, encaminhamos a CVRD, um esboço de programa para atendimento aos índios Xicrin, nos seguintes itens:

- Saúde
- Educação
- Atividades Produtivas
- Vigilância

Espeando-nos na resolução 331/86 do Senado Fede -
ral, a CVRD encampeu a proposta e formulou-se o Programa Xicrin atra -
vés de convênio entre a CVRD e a FUNAI, desde Julho a Comunidade con -
ta com recursos e apoio da CVRD para suprir suas necessidades básicas

- SOBRE A COMERCIALIZAÇÃO DE MADEIRA

É do conhecimento de todos que desde 1983/1984 ,
os grupos Kaiapos do sul do Pará (os Xicrin pertencem ao grupo
Kaiapó) veêm fazendo a garimpagem e exploração de madeira, sendo es -
tas feitas em sua área, às vezes com o assentimento e acompanhamento
da FUNAI e às vezes sem o mesmo.

Os grupos Xicrin do Kateté e do Bacajá, permane -
ceram fora deste contexto por algum tempo. No entanto em 1984 leva -
dos pela ânsia comercial de madeireiros e pelo consumismo exacerbado
que os Xicrins viam acontecer com os seus parentes Kaiapos principal -
mente do Gorotire e do Kikretum, fizeram através da madeireira IPAMA
em 05 de Setembro de 1984, (cópia em anexo 1) a sua primeira investi -
da no sentido de comercializar madeira. Vale ressaltar que a esta é -
poca tanto o Gorotire como o Kikretum tinham brancos garimpando em
sua área e comercializavam madeira, tendo, ainda, aviões comprados
com esses recursos, carros novos, pagavam motoristas e piloto, pas -
savam a comprar de tudo em Tucumã e Redenção, levando inclusive gê -
neros diversos para outras aldeias como Kubenkranke, Aukre, Kokraino
ro, Kateté e Bacajá.

O quadro que começou em 1983/1984, teve continui -
dade até que os grupos Kaiapós, fossem começando a entrar na venda
de madeira e garimpagem, um por um, incentivados que foram por ex -
funcionários da FUNAI como Gerson Menezes (casado com índio Kaiapó)
e Adão Modesto, sertanista aposentado que aproveitando do conhecimen -
to com os índios e das fraquezas desta Fundação, serviram de cabeça
de ponte para madeireiros e garimpeiros, esses elementos atuam até
hoje impunemente na área Kaiapó. Atualmente, comercializam madeira
os seguintes grupos Kaiapó, Gorotire, Kikretum, Kubenkranke, Koo -
kaimoro, Bacajá, Pukanum e Xicrin do Kateté. O importante é que te -
nhamos ciência que foi um processo contínuo, não um fato isolado.

Os Xicrin do Kateté, sofreram a partir de 1984, o assédio do Sr. Gerson Menezes que serviu de intermediador entre a firma IPAMA e a comunidade indígena através de um processo de alicia^omento, que consiste em um indiidamento da comunidade, feito através de aeronave, ou seja, através do Sr. Gerson, o madeireiro manda gêneros e utensílios para a aldeia, como machados, armas, munição, roupas, bicicletas e dinheiro em espécie, para ser distribuídos entre as lideranças e principalmente entre os filhos dos líderes (lideranças jovens), após o período inicial de 2 a 3 meses, vem a cobrança do que foi "dado", através de uma parada dos voos e de recursos e é colocada para os índios (principalmente as lideranças jovens, que são retirados das aldeias e levados para as Zonas de Meretrício em Tucumã, com dinheiro a vontade para beberem e gastarem com prostitutas e tudo mais, nessa época aconteceram diversos casos de Blenorrágia entre os jovens do Kateté, inclusive nos filhos das lideranças) a possibilidade disto continuar através da venda de madeira, que é doles e que a FUNAI deixaria que isso acontecesse caso os índios fizessem pressões e ameaças aos servidores e chefias do órgão tutor. Sofremos isso na aldeia Kateté, por diversas vezes, mas sempre nos posicionamos contra, os demais servidores da ADR também.

Os Xicrin não desistiram, pois eram levados a ver que em Tucumã havia a comercialização de madeira, e pensavam, por que não aqui no Kateté, por que a FUNAI deixa a aldeia Kikretum e o Goretire e não deixa a nossa aldeia, eram, então, retirados de aeronave do madeireiro e levados a Belém para pressionar a delegacia da FUNAI. Em 17 de Outubro de 1985, infelizmente tiveram sucesso e a Delegacia licitou madeira em pé para a comercialização no Kateté (fotocópias em anexo 2). Foi vencedora da licitação a firma IPAMA, como era fácil de se prever.

Tentamos de todas as formas possíveis deter este contrato, quando fomos cientificados que os índios tinham ido para Belém com os madeireiros e o Sr Gerson Menezes, fizemos um RDG (cópia em anexo 3) nº 598/AJAM de 22/10/85 que dizia que a necessidade real dos índios não havia, para a comercialização de madeira e que tal fato prendia-se ao consumismo e a diversão das lideranças jovens, fomos a aldeia e conversamos com os líderes mais velhos e os mesmos se mostraram contrários à comercialização de madeira, então foi

um RDG de nº 621/AJAM de 04/11/85, (cópia em anexo 4) dizendo que a comunidade não mais venderia e fomos surpreendidos através do documento S/nº/24DR/85 de 08/11/85 (cópia em anexo 5) em cujo documento as lideranças jovens expressam a sua vontade de comercializar a madeira assinam o documento os filhos dos líderes que são o Karangré e o Bep karoty Xicrin.

Apesar dos esforços para a não comercialização da madeira, a mesma realizou-se contra a nossa vontade, pois os índios não tinham nenhuma necessidade para fazê-lo, não passavam fome, a situação de saúde era boa, e sabíamos que enquanto tivessem qualquer atividade ligada a garimpo e madeira não conseguiríamos implementar com sucesso qualquer atividade produtiva na área indígena Kateté.

Iniciou-se a retirada de madeira e em 1986, através de uma sindicância conseguimos paralizar o contrato pelo meio (cópia anexo 6) segue anexo, foto de índios Xicrins jovens bebendo em prostíbulos (cópia anexo 7) em Marabá, de certa feita retornamos com 11 deles para a aldeia, para que não se embreagassem e nem se envolvessem com prostitutas, abrimos um inquérito na Polícia Federal de Marabá contra o Sr. Francisco Melo por vender bebidas alcoólicas a índios, tivemos que trocar várias vezes os funcionários que mediam a madeira retirada, para não se corromperem pelo madeireiro, enfim, instalou-se um verdadeiro caos na aldeia Xicrin, isso foi verificado pelas lideranças tradicionais e as mesmas concordaram com a paralisação (cópia em anexo 8).

Em 1987, iniciou-se outra vez as demandas e pressões da comunidade indígena para a comercialização da madeira, conseguimos que não houvesse, pois apesar dos madeireiros atuarem em outras áreas como Gorotire e Kikretum, a FUNAI Marabá, conseguiu o respeito dos mesmos através de abertura de inquérito policial, contra a invasão de madeireiros e a nossa perseverança em não admitir esta comercialização.

Em 1988 outra tentativa, os líderes jovens foram a Brasília e tiveram posição contrária.

Durante todo esse tempo as vendas de madeiras continuaram por toda a área Kaiapó estendendo-se hoje pelas aldeias Gorotire, Kubenzanken, Kikretum, Holrainoro, e outras e os Xicrins de Kateté, tentaram comercializar sua madeira com duas madeiras, até

riormente, a Sul do Pará e a Peracchi que entraram em contato conosco e resolveram não levar adiante a operação, dirigiram-se os Xicrins para Redenção e através da madeireira Bannach e Adão Modesto deram início à comercialização de madeira à revelia das nossas orientações e da 4ª SUER.

A pergunta a ser feita é : Necessitam os índios Xicrin do Kateté de comercializarem ilegalmente a madeira, para a sua sobrevivência? A resposta é não, não necessitam, hoje os índios Xicrin gozam de boa saúde, desde Julho, vem recebendo apoio substancial da CVRD através de convênio , Programa Xicrin, contam com cerca de 2.200 cabeças de gado , através do programa com a CVRD são garantidos recursos mensais para suprir suas reais necessidades como, munições , utensílios diversos, inclusive alguma alimentação suplementar, assistência a saúde, programa de educação em andamento , etc(cópia anexa9) temos programações para atividades produtivas, que não serão viáveis em situação de comercialização de madeira.

A maior resposta dada pelos velhos líderes do Kateté quanto a não necessidade da venda de madeira e da boa assistência que recebem é o fato de pedir-nos que não fiquem ligados administrativamente a ADR de Redenção (apesar de serem Kaiapos) pois lá há muita bebedeira e confusão e em Marabá não, o pessoal da FUNAI atende bem, o líder Botié inclusive foi a Belém e pediu ao Salomão que era o Superintendente da 4ª SUER na época, que não desvinculasse o Kateté da ADR de Marabá por causa do bom atendimento, apesar da portaria do presidente Romero Jucá, vincular a área a Redenção, tal portaria buscava reunir em Redenção todas as áreas Kaiapós. Não há aqui nenhuma crítica aos companheiros de Redenção, todos sabemos que lá a FUNAI a muitos anos perdeu o pulso da situação, tendo inclusive sido invadida e desocupada a ADR em data não muito distante, todoso temos o temperamento belicoso dos Kaiapó.

Ficaria então uma questão, se os índios não necessitam, porque o fazem? Simples, a resposta, as lideranças juvenis, o Bepkaroti e o Karangré Xicrin, sentem necessidade de ver suas aspirações, vindas de uma semi aculturação e do extase que é a descoberta dos prazeres da nossa sociedade, realizadas.

Hoje cada um desses filhos de líderes andam em um carro novo de madeireiro, com motorista em Redenção e Fumaça e Marabá no entanto nos evitam e não vêm na sede da ADR, para evitar de que

trar conosco pois sabem que jamais aprovamos tal situação, Karangre Bepkaroti e Kropidjô Xicrin, tiveram Hemorragia e foram tratados pelo médico da ADR Marabá, em Agosto de 1989, bem como foram feitos exames em suas mulheres, vivem bêbados em Tucumã e Redenção, fato este que nos foi colocado por outros índios e servidores da FUNAI Redenção, os aviões dos madeireiros continuam a pousar na área indígena Kateté com bolachas, caixas de refrigerante e dinheiro em espécie, enquanto os outros integrantes do grupo tratam-se de saúde em Marabá, pois são encaminhados quando necessário.

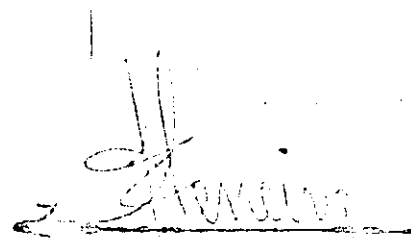
Tomamos providências no sentido de coibir tal prática, fizemos missão com o IBAMA e DPF Marabá, na área indígena Kateté visando paralisar a venda irregular de madeira (relatório anexo 10), mas, sabemos que o madeireiro continua a retirar madeira ao arrepio da lei, solicitamos através da 4ª SUER providências no sentido de abrir processo contra a madeireira Bannach (anexo 11).

A situação é difícil, no entanto achamos que o papel da FUNAI deveria ser o de coibir tais práticas, visando preservar a integridade das comunidades indígenas do Sul do Pará, abrindo junto aos órgãos encarregados uma grande ação, para punir os culpados, processar madeireiros, em suma, mesmo indo de encontro às comunidades indígenas, paralisar totalmente as atividades ilegais hoje existentes como garimpagem e extração de madeira, visando inclusive a imagem da fundação que hoje, por mais esforço que façamos, é sempre vista com reservas pela sociedade brasileira.

Tudo isto visando preservar as comunidades indígenas, suas terras, seus costumes e o seu patrimônio, nos colocamos a disposição para ajudar a implementar as ações que se fizerem necessárias. Seguem anexo outras considerações a respeito nº12 e 13.

Marabá/PA 27 de Setembro de 1989.

Atenciosamente.


J. B. Soares
Coordenador Regional FUNAI/PA
C. P. 1111/1989